

TEMAS CONTEMPORÂNEOS: DA DIVERSIDADE DE GÊNERO À FAIXA GERACIONAL

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

DISCIPLINA: LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL
RESUMO
Nesta disciplina abordaremos a legislação educacional do Brasil, numa perspectiva crítica da natureza das leis e do planejamento da educação brasileira na atual conjuntura. Alguns importantes conceitos serão trabalhados sobre a democratização da educação básica, como funcionam os sistemas de ensino, bem como a legitimidade dos planos em nível nacional, referentes às políticas educacionais, considerando, nesse contexto, a atuação do Ministério da Educação (MEC) como parte do aparelho de Estado.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: NATUREZA DAS LEIS E NORMAS COMPLEMENTARES SISTEMAS DE ENSINO: ENSINAR E APRENDER GESTÃO DA EDUCAÇÃO REGULAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS RELAÇÕES ENTRE UNIÃO, ESTADOS E MUNICÍPIOS
AULA 2 INTRODUÇÃO TRABALHO PEDAGÓGICO NO ÂMBITO EDUCACIONAL FORMAS DE INTERVENÇÃO DO ESTADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: PERSPECTIVA CRÍTICA E CONCEITOS FUNDANTES ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) – LEI N. 8.069/1990 E SEUS DESDOBRAMENTOS EM DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA FORMAÇÃO OMNILATERAL NA EDUCAÇÃO
AULA 3 INTRODUÇÃO APLICAÇÃO DA LDB NA EDUCAÇÃO BÁSICA: GESTÃO DEMOCRÁTICA EM CONSTRUÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL NA LDB: PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA ENSINO FUNDAMENTAL NA LDB 9394/96 LEI N. 13.415/2017 - O “NOVO” ENSINO MÉDIO
AULA 4 INTRODUÇÃO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB): LIMITES E AVANÇOS DISPOSITIVOS LEGAIS DA LDB 9394/96 RELATIVOS À AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO AVALIAÇÃO EM GRANDE ESCALA: AÇÕES DO MEC, DAS SMES, DAS SEEDS AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA EMANCIPADORA

AULA 5

INTRODUÇÃO

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (PDE): BASES DE SUSTENTAÇÃO
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO: COMO PROCEDER?

METAS DO PNE 2014/2024: ENTRE A POSSIBILIDADE E A REALIDADE

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PNE 2014/2024: RESISTÊNCIA E CONTRADIÇÕES NA
ESFERA DA POLÍTICA EDUCACIONAL

AULA 6

INTRODUÇÃO

BNCC PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS A PERCORRER

OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA NA BNCC: ESTRUTURA E PROPÓSITOS

A BNCC PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: CONCEPÇÕES, LIMITES CONCEITUAIS E
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTORICAMENTE SISTEMATIZADO

BNCC - RESOLUÇÃO N. 04/2018: PERCURSO DE CONSTRUÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BARROSO, J. O Estado, a educação e a regulação das políticas públicas. Educação e Sociedade: Revista de Ciências da Educação, São Paulo, v. 26, n. 92, p. 725-752, 2005.
- CURY, C. R. J. Os desafios e as perspectivas do regime de colaboração e do regime de cooperação no sistema nacional de educação. In: FERREIRA, N. S. C.; FONTANA, M. I.; SALOMÉ, J. S. (Org.). Políticas públicas e gestão democrática da educação: desafios e compromissos. v. 2. Curitiba: CRV, 2016.
- DOURADO, L. F. A escolha de dirigentes escolares: políticas e gestão da educação no Brasil. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 77-95.
- FORTUNA, M. L. A. Gestão escolar e subjetividade. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.
- FORTUNATO, S. A. de O. A práxis intencional, sob a concepção de Vázquez, na vida das crianças trabalhadoras: educação e direitos da infância. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). Adolfo Sánchez Vázquez: para pensar a educação. Curitiba: CRV, 2018. p. 168-188.
- GERMANO, J. W. Estado militar e educação no Brasil (1964-1985). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SILVA, D. N. Populismo. História do Mundo, [S.d.]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/populismo.htm>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- VÁZQUEZ, A. S. Ética. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. _____. Filosofia da práxis. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DISCIPLINA:

PSICOLOGIA NAS ORGANIZAÇÕES

RESUMO

O aprofundamento do conceito e definição de ciência não é o propósito desta disciplina, mas para o melhor encadeamento de ideias e padronização de conceitos que serão

úteis no decorrer dos capítulos, falaremos da visão comum de ciência e como a psicologia tornou-se um campo de estudo científico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
ABORDAGENS DA PSICOLOGIA
TEORIAS PSICOLÓGICAS
A PSICOLOGIA E OS PROCESSOS DE TRABALHO
ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL

AULA 2

INTRODUÇÃO
PROCESSOS ORGANIZACIONAIS
MUDANÇAS ORGANIZACIONAIS
COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E PSICOLOGIA DO TRABALHO

AULA 3

INTRODUÇÃO
PERCEPÇÃO HUMANA
ATITUDE E AS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS
A MOTIVAÇÃO HUMANA
LIDERANÇA

AULA 4

INTRODUÇÃO
MUDANÇAS ORGANIZACIONAIS
A APRENDIZAGEM
O PODER E CONFLITO NAS ORGANIZAÇÕES
DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E A MUDANÇA

AULA 5

INTRODUÇÃO
PERSONALIDADE
CONHECIMENTO (CIÊNCIA) E AUTOCONHECIMENTO
METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO
METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE PERFIL

AULA 6

INTRODUÇÃO
SAÚDE NO TRABALHO
PSICOSSOMÁTICA
ESTRESSE
DOENÇAS CRÔNICAS RELACIONADAS AO TRABALHO

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Livro 2. CARVALHO, A. A. et al. A

escolha da profissão: alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. In: CFP – Conselho Federal de Psicologia (Org.). Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon. 1988.

- CHIBENI, S. S. O que é ciência? 2006. Notas de aula. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf> Acesso em: 16 jul. 2019.
- GAZZANIGA, M. Ciência psicológica. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. SAMPAIO, J. R. Psicologia do Trabalho em três faces. In: Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Ed.). Psicologia, organizações e trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DISCIPLINA:

GESTÃO EDUCACIONAL

RESUMO

O objetivo dessa disciplina é promover uma reflexão sobre as questões históricas relativas à administração, para que, assim, possamos compreender a evolução desse conceito e sua aplicabilidade à educação, buscando contribuir para a ressignificação do papel do pedagogo frente à gestão educacional da escola, já que este deve ser o mediador da prática educativa escolar.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONVERSA INICIAL

HISTÓRIA E AS TEORIAS DA ADMINISTRAÇÃO

FASES DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ADMINISTRAÇÃO

TGA

ADMINISTRAÇÃO EMPRESARIAL X ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

TEORIAS ADMINISTRATIVAS E SUA RELAÇÃO COM A GESTÃO EDUCACIONAL
NA PRÁTICA

FINALIZANDO

AULA 2

CONVERSA INICIAL

A EMPRESA E A ESCOLA

A ORGANIZAÇÃO DA EMPRESA

A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

ESCOLA: EDUCAÇÃO

ESCOLA VERSUS NOVAS GERAÇÕES

NA PRÁTICA

FINALIZANDO

AULA 3

CONVERSA INICIAL

CONCEITO DE GESTÃO
GESTÃO EDUCACIONAL
GESTÃO ESCOLAR
GESTÃO ESCOLAR VERSUS GESTÃO EMPRESARIAL
O TRABALHO NA ESCOLA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 4

CONVERSA INICIAL
A FUNÇÃO DA ESCOLA BÁSICA
CONCEPÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA
OS FUNDAMENTOS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA
GESTÃO DA QUALIDADE TOTAL
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 5

CONVERSA INICIAL
PRÁXIS DA GESTÃO ESCOLAR
A UTOPIA NA PRÁXIS ESCOLAR
LIMITES NA PRÁXIS ESCOLAR
DESAFIOS NA PRÁXIS ESCOLAR
PAPEL DO GESTOR NO ESPAÇO ESCOLAR
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 6

CONVERSA INICIAL
ÓRGÃOS COLEGIADOS
GESTÃO E OS ÓRGÃOS COLEGIADOS
CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO (PPP)
GESTÃO E O PPP
GESTÃO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- BARTNIK, Helena L. de Souza. Gestão Educacional. Curitiba: IbpeX, 2011.
- CHIAVENATO, Idalberto. Introdução a teoria geral da administração. 7ª ed. São Paulo: Campus, 2004.
- MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DISCIPLINA: TECNOLOGIA EDUCACIONAL
RESUMO
A inovação, assunto muito discutido na atualidade, vem se expandido de maneira considerável no Brasil e no mundo. Muitas vezes, a inovação é vista somente como a aplicação de melhores soluções, para atender a novos requisitos ou necessidades de mercado existentes. Para ser considerada inovação, uma ideia deve ser replicável a um custo econômico e satisfazer uma necessidade específica. A inovação envolve a aplicação deliberada de informações, imaginação e iniciativa na obtenção de valores maiores ou diferentes dos recursos, e inclui todos os processos pelos quais novas ideias são geradas e convertidas em produtos úteis.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO INOVAÇÃO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS REVOLUÇÃO INDUSTRIAL CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE (CTS) TECNOLOGIAS INOVADORAS – INTRODUÇÃO
AULA 2 INTRODUÇÃO MOBILIDADE TECNOLÓGICA – A SOCIEDADE QUE NAVEGA PELO TOQUE NA TELA DISPOSITIVOS MÓVEIS ARMAZENAMENTO EM NUVEM
AULA 3 INTRODUÇÃO TECNOLOGIA E INOVAÇÃO COMO ALIADOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO AS TICS NA EDUCAÇÃO MUDANÇAS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO FRENTE ÀS TICS
AULA 4 INTRODUÇÃO REALIDADE VIRTUAL SIMULAÇÕES DE COMPUTADOR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL JOGOS E GAMIFICAÇÃO
AULA 5 INTRODUÇÃO INOVAÇÃO NO TURISMO E DESENVOLVIMENTO INOVAÇÃO E PROGRAMAS SUSTENTÁVEIS - OS ODS E OS GRANDES BENEFÍCIOS PARA O PLANETA CIDADES INTELIGENTES NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA

AULA 6

INTRODUÇÃO

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO CENÁRIO ECONÔMICO

DETERMINANTES E RESULTANTES DA CAPACIDADE DE INOVAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio e Serviços. ABDI – Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Agenda brasileira para a Indústria 4.0: o Brasil preparado para os desafios do futuro. Disponível em: <http://www.industria40.gov.br/>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- CONCEIÇÃO, O. A. C. A centralidade do conceito de inovação tecnológica no processo de mudança estrutural. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 58-76, 2000.
- FEENBERG, A. O que é Filosofia da Tecnologia? Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf. Acesso em: 6 nov. 2019.
- FONTANINI, J. I. C.; CARVALHO, H. G. O papel das inovações incrementais em processos no ambiente industrial. Revista Tecnologia e Humanismo, v.19, n. 29, 2005. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rth/article/view/6367/4018>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- PINHEIRO, N. A. M.; SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. A. O contexto científicotecnológico e social acerca de uma abordagem crítico-reflexiva: perspectiva e enfoque. Revista Iberoamericana de Educación, v. 49, n.1, 2009.
- PINHEIRO, N. A. M. Formar cidadãos crítico-reflexivos: a contribuição da matemática. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 28, n.1, p. 81-92, 2007.
- VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMOM, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. Prisma.com, n. 7, 2008. Disponível em: ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/download/2078/1913. Acesso em: 6 nov. 2019.

DISCIPLINA:

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

RESUMO

Nas últimas décadas, o direito de todos à educação vem sendo debatido de forma integral. Isso quer dizer que o sistema educacional, estratégias metodológicas e ações educacionais estão sendo revistas e atualizadas. Uma das principais mudanças é o foco na inclusão escolar. Veremos todos os contextos e abordagens referentes ao atendimento educacional especializado nos diferentes níveis e modalidades de ensino nesta disciplina.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

INCLUSÃO ESCOLAR NOS CONTEXTOS COMUM E ESPECIAL: O PAPEL DO PROFESSOR

EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA: AÇÕES COLABORATIVAS

EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA
METODOLOGIAS EXPOSITIVA E DIALÉTICA
METODOLOGIAS ATIVAS
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 2

INTRODUÇÃO
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA
CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO
E ALTAS HABILIDADES
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E CONVENÇÕES MUNDIAIS: INCLUSÃO
ESCOLAR
DIRETRIZES EDUCACIONAIS INCLUSIVAS NO BRASIL
ASPECTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INSERIDOS NO PLANO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO: 2011-2020
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 3

INTRODUÇÃO
O PAPEL DOCENTE NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: MATERIAIS
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: AVALIAÇÃO
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: O PLANO DE
ATENDIMENTO
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS: ATENDIMENTO
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 4

INTRODUÇÃO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM SURDEZ
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
VISUAL E BAIXA VISÃO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
FÍSICA
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM
TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 5

INTRODUÇÃO
ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM
RECURSOS PEDAGÓGICOS ACESSÍVEIS E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E
AUMENTATIVA

TECNOLOGIA ASSISTIVA NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
MATERIAL DIDÁTICO: ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 6

INTRODUÇÃO

CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DA DEFICIÊNCIA

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DOS TRANSTORNOS GLOBAIS DO
DESENVOLVIMENTO

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

PLANEJAMENTO NA FLEXIBILIZAÇÃO: METODOLÓGICA, AVALIATIVA E/OU

CURRICULAR

NA PRÁTICA

FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- ARAÚJO, S.; ALMEIDA, M. Contribuições da consultoria colaborativa para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. Educação Especial, Santa Maria, v. 27, n. 49, p. 341-352, 2014.
- BENITEZ, P., DOMENICONI, C. Consultoria colaborativa: estratégias para o ensino de leitura e escrita. Psicol. teor. prat., São Paulo, v. 18, n. 3, p. 141-155, 2016.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- FEUERSTEIN, R.; RAND, Y.; FEUERSTEIN, R. S. You love me! Don't accept as I am. Jerusalem: ICELP, 2006.
- GAROFALO, D. Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/comoas-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>. Acesso em: 27 set. 2019.
- GATELY, S. E.; GATELY, F. J. Understanding co-teaching components. Teaching Exception Children, v.33, n.4, p.40-47, 2001.
- KAMPWIRTH, T. J. Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems. New Jersey: Merril Prentice Hall, 2003.
- MENDES, E. P.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar. São Carlos: EDUFScar, 2014.
- MINETTO, M. de F. Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. Curitiba: Ibpex, 2008.

DISCIPLINA:

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A DIVERSIDADE

RESUMO

A disciplina aborda com mais amplitude os temas de diversidade, diferença, e questões culturais e sociais contemporâneas, como gênero, sexualidade, relações raciais e étnicas,

relações etárias e geracionais e educação especial. Tais questões estão no centro de muitos debates atuais. Pensar as diferenças a partir de uma perspectiva plural é fundamental para todos (as) que se debruçaram a estudar qualquer área das humanidades

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONCEITUAR A DIVERSIDADE
OS DEBATES DE DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO
ESTABELECIDOS E EXCLUÍDOS – SITUANDO A DIFERENÇA
ENTENDENDO ALTERIDADE, DIVERSIDADE, DIFERENÇA E CULTURA
DIVERSIDADE NA LDBEN

AULA 2

O QUE É GÊNERO?
O QUE É SEXUALIDADE?
GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
GÊNERO E SEXUALIDADE NA SALA DE AULA
CONQUISTAS PARA O FUTURO

AULA 3

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL
AS DIFERENTES RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SALA DE AULA
CONQUISTAS PARA O FUTURO

AULA 4

QUESTÕES DE CLASSE E DE STATUS
SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL
CAMPO E CIDADE
CURRÍCULOS E PROJETO PEDAGÓGICO
CULTURA E AS DIFERENÇAS DE CLASSE

AULA 5

EDUCAÇÃO ESPECIAL
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)
DIFERENÇAS GERACIONAIS
POLÍTICAS DE INCLUSÃO
A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

AULA 6

REPENSANDO A DIVERSIDADE
RELACIONAR OS TEMAS
DISCRIMINAÇÃO E EDUCAÇÃO
BULLYING E O ESPAÇO ESCOLAR
A ATUAÇÃO EM SALA DE AULA

BIBLIOGRAFIAS

- CORREA, R.L.T. Cultura e Diversidade. Curitiba: InterSaberes, 2012.

- ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MICHALISZYN, M.S. Educação e diversidade. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- PAULA, C.R. Educar para a diversidade: entrelaçando redes, saberes e identidades. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- RODRIGUES, T.C.; ABRAMOWICZ, A. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, 2013.

DISCIPLINA:
NEUROLIDERANÇA E NEUROCOACHING

RESUMO

O cérebro é o maestro de nossos pensamentos, sentimentos, ações, reações, de nosso comportamento em geral. O entendimento de como ele funciona traz evidente vantagem para se compreender o que motiva ou desmotiva as pessoas, como pensam e reagem sob certas circunstâncias e como fazem decisões. Por isso, tais conhecimentos têm sido amplamente aplicados à comunicação e negócios, melhorando processos e pessoas, maximizando suas eficácias.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
PROTAGONISTAS DA NEUROCIÊNCIA NOS NEGÓCIOS
NECESSIDADES HUMANAS BÁSICAS
CONCEPÇÕES DE SER HUMANO
SISTEMA DE RECOMPENSA DO CÉREBRO (SRC)

AULA 2

INTRODUÇÃO
MODELO DE TEORIA DA CONSISTÊNCIA
COMO AMPLIAR AS 4 NECESSIDADES BÁSICAS
FERRAMENTAS DE DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PESSOAL
AVALIAÇÃO DAS FERRAMENTAS DE DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PESSOAL

AULA 3

INTRODUÇÃO
CONCEITOS E ESTILOS MODERNOS DE LIDERANÇA
AVALIAÇÃO DOS ESTILOS DE LIDERANÇA
MODELO ACTIVE
PERFECT – AS CARACTERÍSTICAS DO NEURO LÍDER

AULA 4

INTRODUÇÃO
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (IE)
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL (IE) NO CONTEXTO DA LIDERANÇA/GESTÃO ORGANIZACIONAL INTERNACIONAL

TÉCNICAS PARA GERIR AS EMOÇÕES I
TÉCNICAS PARA GERIR AS EMOÇÕES II

AULA 5

INTRODUÇÃO

TREINANDO REGIÕES CEREBRAIS I: CÉREBRO PENSAnte

TREINANDO REGIÕES CEREBRAIS II: CÉREBRO DAS EMOÇÕES

TREINANDO REGIÕES CEREBRAIS III: RECOMPENSA, AÇÃO, SENSAÇÃO

TREINANDO PROCESSOS CEREBRAIS

AULA 6

INTRODUÇÃO

MICROBIOMA OU MICROBIOTA INTESTINAL

SONO

EXERCÍCIO E ATIVIDADES FÍSICAS

PLASTICIDADE E PRÁTICAS NEURÓBICAS

BIBLIOGRAFIAS

- LENT, R. Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2010. _____. Neurociência da mente e do comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2008.
- NOLTE, J. Neurociência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. RANG, H. P. et al. Farmacologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- ROCHA, E. T. et al. Novas técnicas de neuroimagem em psiquiatria: qual o potencial de aplicações na prática clínica? Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 23, supl. 1, p. 58-60, maio 2011.

DISCIPLINA:

A NEUROPSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

RESUMO

O surgimento de novas tecnologias de neuroimagem nos permitiu, nas últimas décadas, entender melhor os processos cerebrais envolvidos em qualquer atividade. Assim, o desenvolvimento cognitivo hoje é compreendido para além de especulações teóricas, pois boa parte dos processos de maturação do cérebro podem ser verificados. Isso nos permite adotar práticas educacionais baseadas na realidade de como o cérebro se desenvolve, respeitando cada fase e todos os elementos envolvidos nesse processo. No decorrer deste curso, vamos apresentar questões fundamentais sobre como nossas capacidades cognitivas são moldadas e aprimoradas, no nascimento e no decorrer da vida.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

MIELINIZAÇÃO E MATURIDADE

PIAGET SOB A PERSPECTIVA NEUROCIENTÍFICA

PERCEPÇÕES E APRENDIZAGEM

A SINCRONIZAÇÃO DOS SENTIDOS

AULA 2

INTRODUÇÃO

VYGOTSKY SOB A PERSPECTIVA NEUROCIENTÍFICA
COGNIÇÃO SOCIAL
RACIOCÍNIO SOCIOMORAL
INTERAÇÕES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

AULA 3

INTRODUÇÃO
TIPOS DE MEMÓRIA
A CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS
A ATENÇÃO SEGUNDO LURIA
A ATENÇÃO NO CÉREBRO

AULA 4

INTRODUÇÃO
O CONTROLE INIBITÓRIO
MEMÓRIA DE TRABALHO
FLEXIBILIDADE COGNITIVA
PENSAMENTO CRÍTICO E TAXONOMIA DE BLOOM

AULA 5

INTRODUÇÃO
O CÉREBRO EMOCIONAL
A CONSTRUÇÃO DAS EMOÇÕES
CONTROLE SOBRE AS EMOÇÕES
MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONNECTIVIDADE NO CÉREBRO
CONNECTIVIDADE E INTELIGÊNCIA
DIFERENCIAÇÃO NO CÉREBRO
ALÉM DA INTELIGÊNCIA: MENTES CRIATIVAS
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- EAGLEMAN, D. O cérebro: a descoberta de quem somos. Alfragide, Portugal: Lua de Papel, 2017.
- GAZZANIGA, M. Human: The Science Behind What Makes us Unique. New York: Harper Collins, 2008.
- GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D. Psychological Science. New York: W.W. Norton, 2016.
- KRAUSS, N. Music Enrichment Programs Improve the Neural Encoding of Speech in At-Risk Children. *Journal of Neuroscience*, v. 34, n. 36, p. 11913-11918, Sept. 2014.
- LEFMAN, T.; COMBS-ORME, T. Early Brain Development for Social Work Practice: Integrating Neuroscience with Piaget's Theory of Cognitive Development. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, v. 24, n. 640, 2013.
- SEMENDEFERI, K.; DAMASIO, H. Humans and great apes share a large frontal cortex. *Nat Neurosci*, v. 5, n. 3, p. 272-276, 2002.

- STADLER, J.; KRAUSS, N. The role of rhythm in perceiving speech in noise: a comparison of percussionists, vocalists and non-musicians. Cogn Process, Sept. 2015.

DISCIPLINA:

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

RESUMO

Você sabia que a psicologia da educação é responsável pelos estudos de uma área da psicologia ligada ao universo escolar, que se preocupa com o desenvolvimento bio psíquico do indivíduo, na construção do conhecimento? Falar sobre a psicologia da educação, com seu movimento epistemológico, requer refletir sobre a base que rege todo esse estudo, a filosofia. A ciência que estuda a psicologia nasceu dos estudos filosóficos; portanto, precisamos retomar toda sequência de descobertas e acontecimentos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONVERSA INICIAL

PERÍODO ANTERIOR AO SÉCULO XVIII

A PARTIR DO SÉCULO XVIII

A PARTIR DO SÉCULO XIX

ABORDAGENS PARADIGMÁTICAS CONSERVADORAS

ABORDAGENS PARADIGMÁTICAS INOVADORAS

NA PRÁTICA

FINALIZANDO

AULA 2

CONVERSA INICIAL

SKINNER E A TEORIA BEHAVIORISTA

TECNICISMO

ANTECEDENTES

CONCEITOS: TIPOS DE COMPORTAMENTOS

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

NA PRÁTICA

FINALIZANDO

AULA 3

CONVERSA INICIAL

EDUCAÇÃO DA LIBERDADE

PIAGET: VIDA E OBRA

NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO E AS RELAÇÕES COM O AMBIENTE FÍSICO E SOCIAL

MÉTODO CLÍNICO DE JEAN PIAGET

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

NA PRÁTICA

FINALIZANDO

AULA 4

CONVERSA INICIAL

VYGOTSKY: VIDA E OBRA

MEDIAÇÃO
PENSAMENTO E LINGUAGEM
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES POR MEIO DE PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA NA ESCOLA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 5

CONVERSA INICIAL
WALLON: VIDA E OBRA
EMOÇÕES: ENTRE O ORGÂNICO E O PSÍQUICO
ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO
A ESCOLA E A AFETIVIDADE
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 6

CONVERSA INICIAL
PSICOLOGIA HUMANISTA
CONCEITO: APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM HUMANISTA
VISÃO DE HOMEM E DE MUNDO NA ABORDAGEM HUMANISTA
ENSINO E APRENDIZAGEM CENTRADOS NA PESSOA
CONTRIBUIÇÕES PARA A ESCOLA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- CUNHA, M. I.; LEITE, D. Relação e pesquisa. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) Didática: o ensino e suas relações. Campinas, SP: Papirus, 1996. DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- ROUSSEAU, J. J. Émile ou de l'éducation. Paris: GF Flammarion, 1966.
- SUCHODOLSKI, B. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência. São Paulo: Centauro, 2002.
- TEIXEIRA, A. S. Educação e o mundo moderno. São Paulo: Nacional, 1977.

DISCIPLINA:

ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO

Quando falamos de Organização do Trabalho Pedagógico (OTP), estamos, de fato, falando de uma visão sistêmica do processo educacional. Trata-se da organização que apresenta e justifica as metas e as prioridades da escola e do trabalho docente diante dos objetivos de aprendizagem – no nosso caso, para a educação infantil. Ou seja, organizar o trabalho pedagógico nada mais é do que pensar a escola e o que faremos nesse espaço para cumprir o que consideramos ser os objetivos de aprendizagem para a educação infantil.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
OBJETIVOS FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – DCNS
PERFIL PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL
CUIDAR E EDUCAR: O TRABALHO ARTICULADO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL
FINALIZANDO

AULA 2

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
METODOLOGIAS DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEQUÊNCIAS
DIDÁTICAS E PROJETOS
CANTOS DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
MATERIAIS E POSSIBILIDADES DE OBJETOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
FINALIZANDO

AULA 3

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
DESVENDANDO O CONCEITO DE “BRINCADEIRA”
A BRINCADEIRA COMO LINGUAGEM DA CRIANÇA
INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
JOGOS E BRINQUEDOS – AMPLIANDO DISCUSSÕES
RECONCEITUANDO A “BRINCADEIRA LIVRE” NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL
FINALIZANDO

AULA 4

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
EXPRESSÃO VISUAL – O LUGAR DA ARTE NO TRABALHO PEDAGÓGICO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL
EXPRESSÃO MUSICAL – O LUGAR DA MÚSICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL
A EXPRESSÃO CORPORAL E O MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
DIVERSIDADE CULTURAL – A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NO TRABALHO
PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
LEITURA, ESCRITA E MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
FINALIZANDO

AULA 5

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
CONCEITO DE CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

APRESENTAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
APRENDIZAGEM COM BASE NA EXPERIÊNCIA E NOS SENTIDOS
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM RELAÇÃO AOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA
CAMPOS DE EXPERIÊNCIA E A ARTICULAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS, POLÍTICOS E ESTÉTICOS
FINALIZANDO

AULA 6

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PARECER

DESCRIPTIVO, PORTFÓLIO E TABELAS DE VERIFICAÇÃO

OBSERVAÇÃO COMO INSTRUMENTO AVALIATIVO

AUTONOMIA – A IMPORTÂNCIA DESSE FATOR PARA O “SEGUIR EM FRENTE”

AFETIVIDADE NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL – O ELEMENTO

FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO ESCOLAR DA CRIANÇA

FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 022/98. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 1999. BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 020/2009. Brasília: MEC, 2009a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB 05/2009. Brasília: MEC, 2009b. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, 2010.
- KONDER, L. O futuro da filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PLATÃO. As leis, ou da legislação e epinomis. Tradução: Edson Bini. 2. ed. Bauru/SP: Edipro, 2010.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. Filosofia da práxis. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DISCIPLINA:

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

RESUMO

A centralidade do PPP da escola está relacionada às políticas públicas e à gestão educacional. Portanto, ao discutirmos sobre ele, precisamos considerar as concepções de gestão e a implementação de processos de participação e decisão, analisando, assim, o papel da gestão ao elaborá-lo. O maior desafio está na interatividade, no diálogo e na

flexibilização subsidiada pela gestão. Esta, por sua vez, necessita ter caráter democrático. Vale ressaltar ainda a existência da gestão educacional no contexto da escola pública, que abarca as diferentes concepções e práticas de planejamento. Diante disso, reflita sobre o questionamento a seguir: De que forma a gestão escolar pode envolver o grupo (docentes, comunidade, administrativos) na construção e reconstrução do PPP?

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

GESTÃO E PLANEJAMENTO: PERSPECTIVA HISTÓRICA

ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA E SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO EDUCACIONAL

PLANEJAMENTO: FUNÇÕES E FINALIDADES

PLANEJAMENTO EDUCACIONAL NO BRASIL

GESTÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

FINALIZANDO

AULA 2

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

PLANEJAMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

PLANEJAMENTO: DIMENSÕES, NÍVEIS E DESDOBRAMENTOS

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: ETIMOLOGIA

PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

A EQUIPE GESTORA NA ARTICULAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

FINALIZANDO

AULA 3

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

A ESCOLA COMO LOCAL DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO PPP NO CONTEXTO ESCOLAR

PPP COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA

O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO PARA EFETIVAÇÃO DO PPP COMO

INSTRUMENTO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA

PPP COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO

FINALIZANDO

AULA 4

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

FUNÇÕES ATRIBUÍDAS AO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

ETAPAS DO PLANEJAMENTO DO PPP

MARCO REFERENCIAL OU SITUACIONAL

DIAGNÓSTICO

PROGRAMAÇÃO

FINALIZANDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E AS FINALIDADES DA ESCOLA

IGUALDADE E QUALIDADE

AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO
PRESSUPOSTOS DO PROJETO
FINALIZANDO

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONTEXTUALIZANDO
DESDOBRAMENTOS DO PPP – PLANEJAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL
CONSELHO ESCOLAR
TIPOS DE PLANEJAMENTO
PLANEJAMENTO ELABORADO PELO PROFESSOR
PLANO DE AULA
FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 24 nov. 2016.
- LÜCK, H. et al. A escola participativa o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.
- MAIA, B. P. e C.; MARGARETE, T. de A. Os desafios e a superação na construção coletiva do projeto político-pedagógico. Curitiba: InterSaberes, 2013.

DISCIPLINA:

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

RESUMO

Neste material veremos o estudo dos princípios e paradigmas da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, a caracterização do público-alvo da educação especial e a transversalidade na matriz curricular.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO INCLUSIVA
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
DIVERSIDADE E INCLUSÃO ESCOLAR
ACESSIBILIDADE
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO

AULA 2

ALUNOS COM DEFICIÊNCIA
TRANSTORNOS FUNCIONAIS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM
TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

AULA 3

NEUROCIÊNCIA
PLASTICIDADE CEREBRAL
NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO

APRENDIZAGEM E ESTIMULAÇÃO
CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA APLICADA À PRÁTICA EDUCACIONAL

AULA 4

PERFIL DO EGRESSO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA INCLUSIVA
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES GERAIS
COMPROMISSO POLÍTICO DO LICENCIADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
CAMPO DE ATUAÇÃO

AULA 5

HABILIDADES PARA A ÁREA DE DEFICIÊNCIA FÍSICA
HABILIDADES PARA A ÁREA DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
HABILIDADES PARA A ÁREA DE SURDEZ
HABILIDADES PARA A ÁREA DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
HABILIDADES PARA A ÁREA DE DEFICIÊNCIA VISUAL

AULA 6

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ATUALIDADE
ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO
ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA
TERMINOLOGIAS
ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO

BIBLIOGRAFIAS

- ORGES, A. C. et al. Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores. Congresso Multidisciplinar, Londrina, UEL, 2013, p. 418-429. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/A01-2013/AT01-040.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- FERNANDES, S. Fundamentos para educação especial. Curitiba: Intersaberes, 2013.
- MATOS, S. N.; MENDES, E. G. A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação de políticas educacionais. Práxis Educacional, v. 10, n. 16, p. 35-59, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/2889/2571>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- MENDES, R. H.; CONCEIÇÃO, L. H. P.; MICAS, L. Plano nacional de educação (PNE): desafios e perspectivas para a inclusão escolar. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/4-educacao-especial-inclusiva/analises/plano-nacional-de-educacao-pne-desafios-e-perspectivas-para-a-inclusao-escolar>. Acesso em: 02 abr. 2018.